



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Hermenêutica, Pesquisa e Comunicação¹

Por Luís Carlos Lopes

Professor Adjunto IV da Universidade Federal Fluminense – Doutor (USP – 1992) - em regime de dedicação exclusiva, com pós-doutorado na Universidade de Montreal (1997-1998); professor do Departamento de Comunicação Social e do corpo permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Imagem e Informação do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense.

lclopes@alternex.com.br

Endereço:

Rua Triunfo, 26

Santa Tereza – Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – Brasil

20240-320

(21)25091197

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Abril de 2002

Resumo

Este texto objetiva contribuir na inserção dos estudos comunicacionais no paradigma hermenêutico, verificando as possibilidades de seu uso na pesquisa e na interpretação dos seus significados. Assume a defesa da hermenêutica crítica de Habermas, escolhendo-a como opção entre as demais hermenêuticas de nosso tempo. Procura ampliar a hermenêutica habermassiana, considerada ‘positiva’ e voltada para o agir racional, com o conceito de hermenêutica ‘negativa’, dirigida à compreensão do agir irracional. Defende esta idéia, a partir da constatação da necessidade de se aprofundarem os estudos sobre este último agir, considerado o mais significativo; partindo-se dos significados da cultura de massas – midiática –, entendida como sua portadora privilegiada.

Palavras-chave: hermenêutica; comunicação; cultura de massas

Abstract

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

This article intends to contribute to the communicative studies related to the hermeneutic paradigm, trying to analyze its application on researches and on the interpretation of its several meanings as well. The present work defends Habermas' critical hermeneutics as an option among other modern hermeneutic concepts. The author aims to enlarge Habermas' ideas about rational and irrational ways of acting, emphasizing the last one, which he considers as the most relevant of them for helping researchers to understand how mass media works.

Key-words: hermeneutic; communication; mass media

Introdução

A busca de âncoras epistemológicas seguras no campo das metodologias das ciências sociais não é tarefa fácil. Pode-se postular que no domínio da pesquisa, assim como no da vida, só existem estabilidades, harmonias e consensos absolutos no plano da idealização moral e espiritual. Na concretude, não é possível. Quando se trata especificamente do caso dos estudos comunicacionais, deparamo-nos com ainda maior dificuldade, além das habituais, para quem pretenda pesquisar no universo das ciências sociais. Está-se em um campo teórico, o da comunicação, fortemente influenciado pela instrumentalidade de suas práticas, onde a definição de objetos próprios e metodologias precisas é bastante complexa, senão impossível, por se tratar de um lugar e de problemas que podem ser analisados por quaisquer dos outros saberes e enfoques contemporâneos das áreas de conhecimento das ciências sociais e mesmo de outras ciências.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Pontua-se a pertinência de um enfoque transdisciplinar, no sentido de Morin (1997), como solução para estas dificuldades. Neste, os estudos comunicacionais se apropriariam dos conhecimentos acumulados e dos métodos de pesquisa das demais ciências, na construção de modelos de compreensão dos objetos escolhidos. Não se trata de criar uma nova disciplina, mas sim de novos conhecimentos teóricos e aplicados a objetos escolhidos, deixando-se o corpo teórico e o acúmulo prático dos outros saberes em seus devidos lugares. Agir deste modo significaria uma forma de trabalhar que fugiria dos parâmetros tradicionais da especialização, que tanto dificultam as práticas científicas contemporâneas.

O outro lado do problema é o da forte e múltipla pressão social pela adoção e naturalização da *doxa*. A comunicação midiática invadiu o mundo social de modo abissal, gerando opiniões, novas crenças e conseguindo o *status* da naturalidade. As atividades prático-comunicacionais, como em muitas áreas, funcionariam baseadas nos conhecimentos técnicos fundamentais e na opinião. Esta é aqui entendida como o senso comum hegemônico em determinada época e/ou grupo sociocultural. Essas atividades não necessitariam, *a priori*, da explicação ou da interpretação, pelo menos no nível pretendido, por quem deseja ir além da instrumentalidade e chegar aos significados. Os que assim pensam, dispensam a crítica científica e são instrumentos do poder estabelecido. É fato que esta atitude não consegue, em todos os casos, torná-los imunes às críticas políticas e sociais. Mas gera-se aí uma dualidade, e destas eles podem se alimentar, defendidos pelo tecnicismo, por uma retórica pobre de sentido e pela força da própria mídia.

Se na nossa ‘república ideal’, fossemos obrigados a tomar *cicuta*, ainda assim, a comunicação midiática, a interpessoal e a intrapsíquica continuariam a existir e funcionar nos moldes industriais, comerciais, técnico-operacionais e socioindividuais de nosso tempo. As epistemologias da comunicação não são artigos mercadológicos, a não ser como simulacro. Não resolvem problemas técnicos de



imediatos e nem ajudam a ninguém a ser mais feliz ou a ‘vencer’ na vida, nos sentidos materiais destas proposições. Interessam, quase somente, a um seleto grupo de pessoas que insiste, na contramão de nosso tempo, em pensar e a propor alterações nas concepções existentes, talvez na esperança de ser ouvido e influenciar, quebrando tabus e lógicas burocráticas de grupo. Apenas, em um segundo momento, novas epistemologias podem ou não resultar em mudanças significativas nas práticas comunicacionais. Para isto, é necessário que elas cheguem ao campo da experimentação, processo sempre difícil e demorado.

A influência dos intelectuais, os que produzem novas epistemologias, por mínima que seja, existe de modo tímido no plano do curto prazo, mas é maior no médio e longo prazo. Ao pensar e tentar compreender as faces da comunicação de nosso tempo, está-se criando as bases para a crítica. Estas irão, de algum modo, atingir os vários sujeitos do processo comunicacional, nos limites das correias de transmissão de idéias de nossa sociedade. Isto não quer dizer que essas influências sejam sempre moralmente defensáveis e produzam algum desenvolvimento humanístico. A criação e a difusão de idéias ocorrem no contexto intrincado da pugna entre os vários interesses materiais e simbólicos, representados por proposições que fundamentam nossas pesquisas. Em um exemplo, o conceito da ‘teoria crítica’ de indústria cultural resistiu ao tempo. Por mais que se possa hoje repensá-lo, esta categoria continua sendo uma referência básica; quando queremos invocar a produção dos bens simbólicos nas mídias contemporâneas, vistos de qualquer ângulo que se queira.

Rupturas epistemológicas



De acordo com Boaventura de Souza Santos (1989), são criados novos conhecimentos, quando há uma ruptura profunda nos que preexistiam. A tese da dupla ruptura epistemológica, tão cara ao autor, é problemática se considerada nos curtos e médios prazos.

A primeira ruptura é a clássica, descrita por Bachelard, dentro dos parâmetros de origem pós-cartesiana que postulam uma visão racional estrita e aparentemente estranha ao processo sociopolítico e cultural. No quadro da pesquisa científica tradicional, acredita-se que isto ocorra com limites, porque se pensa que não é possível mais crer em uma ciência absolutamente asséptica. As conquistas científicas racionais foram e continuam a ser instrumentos de poder sem qualquer neutralidade. Obedecem a interesses de sujeitos que as financiam e viabilizam. Os seus resultados são muitas vezes implementados com a mesma lógica de sua produção. Isto, entretanto, não quer dizer que a razão científica tenha a fatalidade de um único sujeito e que não possa ser usada nas mais diversas direções.

A segunda, proposta por Boaventura de Souza, significaria, em primeiro lugar, a aceitação acrítica da comunicação social da primeira. Em seguida, haveria a sua adoção pelo senso comum, por meio da persuasão negociada,, atingindo, assim, um maior número de pessoas. Isto é o que vemos como de mais difícil realização. Não se afirma que não seja possível em nenhum nível, mas não se concorda que isto aconteça como decorrência lógica e no sentido do imediato. A mesma lógica de criação da primeira ruptura epistemológica teria de ser reproduzida em uma segunda, caso ela de fato ocorrer, tal como a representa o pensador português.

Os novos conhecimentos, advindos pela pesquisa e reflexão, alterariam paradigmas preestabelecidos e chegariam a uma maior quantidade de pessoas, bastante transformados na dialética entre os emissores, os problemas nos canais de transmissão e os da recepção. Isto ocorreria como derivação do fato de estarem presentes em sua comunicação os interesses, nem sempre revelados, que



presidiriam a primeira ruptura. O canal entre a consciência crítico-científica, suas proposições e o senso comum não se articula em linha direta. As novas idéias jamais alcançam um público maior, sem sofrerem um lento processo de acomodação, adaptando-se a outras crenças das mais diversas naturezas e coexistindo até mesmo com suas próprias negações.

O efeito sociomidiático da atual epidemia da dengue consiste em um rico manancial para se estudar este problema em nosso contexto. As razões científicas da doença estão estabelecidas desde há muito, contudo, isto não impediu, que no século XXI, tenha-se desenvolvido um intenso fluxo mítico e midiático que vem envolvendo em brumas e ao mesmo tempo esclarecendo as bases ‘científicas’ do problema.

O grande público, receptor das campanhas de ‘esclarecimento’, deve sentir bastante ‘culpa’ e purgar os seus pecados. Afinal existe um mosquito doméstico, fruto da ‘imprudência’ das ‘pessoas’, que têm de fazer sua parte, mesmo que o Estado não faça a dela. Alguns morrem, o problema é o tal vírus (O que é isto, para maioria da população?). Ou é o mosquito, a tal da ‘água limpa’ empoçada, a ‘sujeira’ do vizinho etc? O mata-mosquito, tradicional figura de nossa cultura, tem o ‘veneno’? O Estado fez ou não fez a sua parte? Deve-se apelar para saídas individuais, o uso do repelente, a tal da vela mágica, os inseticidas altamente tóxicos e nocivos mais aos homens do que aos insetos, a vitamina B12 que viraria repelente (magia laboratorial) etc...

Obviamente, não se trata da mesma recepção e do mesmo entendimento coletivo do problema da dengue, como os do início do século XX. Alguns novos conhecimentos chegaram ao senso comum, assim como os preconceitos e simplificações excessivas continuaram a compor o cenário e estão presentes das novas crenças socioculturais de nosso tempo. Esta nova realidade não consistiu na assimilação mais completa dos significados de descobertas científicas passadas.



Permanecem, no contexto social de nosso mundo, a fragmentação informacional e comunicacional que caracterizam a transmissão de idéias de extrações culturais distintas. As novas tecnologias da comunicação permitiram uma maior circulação de informações, uma explosão da comunicação nos dizeres de Breton e Proux, mas a recepção das mesmas continua sendo seletiva e reinterpretativa.

Em outro sentido, concorda-se integralmente com Boaventura de Souza, quando ele defende a natureza social de qualquer ciência. Suas epistemologias dialogam com o contexto social em que são pensadas e praticadas. Não há pensamento asséptico, não contaminável pelo contexto, mesmo que seja de base matemática, física, química ou biológica. Isto é ainda mais fácil de se perceber nas ciências sociais. Mas o simples exame dos debates contemporâneos sobre, por exemplo, a clonagem de embriões e o uso de psicofármacos, indicam os imensos problemas sociopolíticos e culturais que envolvem as práticas e as representações do saber contemporâneo.

O pensamento científico tem em seu cerne os problemas de seu tempo e representa aspectos da vida social, contendo suas contradições, paradoxos, racionalidades e irracionalidades. Isto vale para os conhecimentos de qualquer natureza, inclusive para as ciências ditas sociais, incluindo nelas os estudos comunicacionais. Por isto, as novas epistemologias destes estudos devem considerar a imbricação da tentativa de criá-las e desenvolvê-las, com os demais problemas da mesma época. A produção destas novas idéias será sempre uma tentativa de compreender o que nos rodeia e tentar dar respostas aos problemas que nós mesmos formulamos.

Parte-se da premissa de que ao pensar sobre o nosso entorno, inclusive o comunicacional, o estamos fazendo como uma das suas representações possíveis, no sentido de Putnam (1988) dá a este processo. Por isto, é necessário compreender a limitação de nossos sentidos e capacidades de interpretar o mundo. O ponto de vista tradicional da explicação racional, não-hermenêutica, sugere a



possibilidade da equivalência entre a representação científica e a realidade material e simbólica. Segundo este antigo modo de ver o problema, a assepsia e o distanciamento são dados superiores à inserção sociocultural e política a que os pesquisadores estão sempre submetidos.

Raciocinando-se de modo inverso, dir-se-ia que o pesquisador quanto mais se pretende asséptico e distanciado, mais se afasta da possibilidade de chegar mais próximo do conhecimento dos seus objetos de estudo. Sem negar a necessidade de algum distanciamento, afirma-se que este não pode ser tão profundo que nos deixe sem qualquer afetividade pelo que estudamos. A assepsia, que pode ser lida como os preconceitos e outros apriorismos, é absurda e irracional. É preciso envolver-se com o processo comunicacional para compreendê-lo. Não há como, por exemplo, refletir em profundidade sobre a TV aberta brasileira, negando-se a assistir pelo menos algumas vezes os programas mais populares.

Entre a antiga explicação e a também antiga compreensão das coisas do mundo, fica-se com a segunda. O paradigma hermenêutico tem-se mostrado mais adequado ao nosso tempo. Explicar significa crer que é possível não se envolver e se postar absolutamente fora do problema. Compreender, do modo que neste texto se entende este verbo, significa colher os frutos da interpretação do que nos cerca. Não se está falando da interpretação como propriedade da consciência, que fazemos cotidianamente sem maiores conseqüências. Fala-se da hermenêutica contemporânea, isto é, da interpretação sistemática dos discursos orais, escritos, imagéticos, gestuais etc produzidos pelos homens e mulheres.

Esta hermenêutica desenvolvida por Gadamer, Habermas, Ricoeur, Vattimo, Eco e muitos outros tem várias faces. Os autores que situaram suas pesquisas teóricas neste campo advogam bases epistemológicas por vezes conflitantes, apesar de todos partirem do problema da interpretação. Acredita-se que na abordagem de Habermas e Ricoeur existam elementos bastante interessantes para os estudos comunicacionais. Ainda mais



no primeiro, explicitamente interessado na compreensão da comunicação entre os homens como um agir (comportamento) que poderia ser estudado sem maiores preconceitos. O seu livro (1989), já clássico, sobre o “agir comunicativo”, continua sendo referência essencial para nossos estudos. A hermenêutica crítica de Habermas e de seus colaboradores, tal como explica Bleicher (1980), travou nas últimas décadas alguns combates teóricos notáveis no sentido do estabelecimento de novos paradigmas do ato de conhecer .

Habermas (1987), na polêmica com Gadamer (1997), criticou a valorização e validação do senso comum feitas pelo centenário autor alemão. Manteve o velho confronto entre a ciência e o senso comum, sem reafirmar as bases ‘explicativas’ iluministas tradicionais, derivando para a busca da compreensão dos fenômenos. Não aceitou, igualmente, a proposta gadameriana do argumento de autoridade baseado na idéia de que o conhecimento, quando fruto do trabalho dos mais qualificados, seria *a priori* incontestável. Defendeu uma hermenêutica crítica e positiva, postulando a racionalidade habitual dos atos comunicacionais humanos. Em relação à positividade, discorda-se do autor, pensando-se na possibilidade de uma hermenêutica crítica e negativa que desse conta de estudar o agir irracional. Imagina-se que este agir termina por ser, no teste de sua prática social, mais importante do que o racional, por sua cotidianidade nas relações interpessoais e na comunicação midiática.

As regras de ambas hermenêuticas críticas – positiva e negativa – seriam o estudo do contexto, dos sujeitos envolvidos na ação, dos discursos e dos limites da interpretação pretendida. Temos aí um bom roteiro para verificarmos a procedência epistemológica de nossas análises. Deste ponto de vista, considerar-se-ia hermenêutico o conhecimento que: não desprezasse a contextualização histórica e social dos atos comunicacionais que se pretende analisar; estabelecesse com proficiência os sujeitos envolvidos no processo comunicacional escolhido; fizesse o isolamento e o estudo dos discursos dos entes sociais envolvidos; por fim, o pesquisador não se colocasse acima do que se estivesse analisando, buscando compreender os limites de seu trabalho. Em outras palavras, não



existe interpretação sem limites como, com propriedade, teoriza Eco (1995; 1997), restringindo-se ao texto escrito.

Interpretando os estudos comunicacionais

Não se acredita que a hermenêutica possa fornecer, isoladamente, uma metodologia de pesquisa básica para as ciências sociais, incluindo nelas, os estudos comunicacionais. O seu maior efeito seria o da transformação do olhar do pesquisador, que abdicaria da idéia de que seria um explicador, alguém que – prometicamente – daria o fogo dos deuses aos homens ignaros. Não mais se acredita em semideuses, na ignorância absoluta da maioria dos homens e das mulheres e na existência dos ‘eleitos’.

Essa hermenêutica traria o conhecimento, pelo menos na versão habermassiana, para a terra, deixando de misturar o divino ao profano. Acentuaria o lado humano do saber, sua temporalidade, espacialidade e, sobretudo, seus limites. Estes, aliás, podem ser maiores do que os propostos por Habermas, se considerarmos a importância do agir irracional, considerado pelo filósofo alemão como “pseudocomunicação” ou “comunicação perturbada”.

Uma das relações da hermenêutica com a pesquisa é a de verificação da procedência das representações – discursos – produzidos. As metodologias da pesquisa nas ciências sociais continuam sendo as mesmas, tais como são descritas e invocadas por Bourdieu e Passeron (1993), Thiolent (1982) e tantos outros. Os problemas teóricos contemporâneos da pesquisa científica de modo geral continuam sendo os apontados por Feyerabend, Kuhn, Japiassu etc. Faz-se um reparo aqui, uma modificação ali, mas, na verdade, continuamos a fazer o mesmo



de sempre: escolhendo objetos e suas fontes de pesquisa; contextualizando-os; descrevendo-os e analisando-os; propondo e verificando a pertinência das hipóteses; revendo a bibliografia existente; argumentando a favor e contra as idéias disponíveis; propondo novas teorias etc. O que muda, a partir da adoção do paradigma hermenêutico crítico, é que agora se sabe que também se está produzindo discursos, ‘verdades’ que são frutos da interpretação do que se faz. Estas, também pode ser interpretadas, a partir da compreensão do que somos e o que pensamos ser.

Outra relação da hermenêutica crítica com a pesquisa é a de nos armar para a rejeição de ‘olhares’ pouco ou muito descontextualizados, sem sujeitos e discursos claramente definidos, arrogantes em relação a capacidade de análise dos pesquisadores envolvidos etc. Cobra-se mais da acuidade do pesquisador e não se aceitam mais receitas fáceis, que não contemplem os aprofundamentos necessários. A crítica ao que foi ou está sendo feito ganha novas configurações, para além da superficialidade e da falta de rigor. Passa-se a entender a pesquisa como uma das possíveis representações dos objetos escolhidos, que pode ser avaliada e reconsiderada nos limites de sua produção.

A simples consulta a dois livros produzidos no Brasil - *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências (2001)* e *Comunicação e Informação: identidades e fronteiras (2000)* - que reuniram argumentos e teorias de vários pesquisadores brasileiros e alguns estrangeiros demonstra como o que é dito acima é verdadeiro. Os problemas da pesquisa no campo da comunicação são similares aos das demais ciências sociais, por mais que nos esforcemos por uma distinção. Somos diferentes em nosso olhar, mas mesmo assim continuamos a ter, como os pesquisadores de outras áreas, de responder as questões clássicas que a pesquisa nos coloca.

Não é possível pesquisar sem se ter bases epistemológicas, isto é, princípios gerais que guiem nossos esforços de compreensão. Estas bases não precisam ser



necessariamente conscientes. Podem estar no domínio estrito de nossa cognição, sem serem jamais exteriorizadas. Em qualquer pesquisa, é possível, com algum esforço percebê-las. Por isto, é melhor que sejam explícitas, que os pesquisadores busquem exteriorizar as concepções gerais que norteiam suas pesquisas. Tal procedimento, permite ao pesquisador tornar claro, até para si mesmo, seus objetivos, hipóteses e técnicas de coleta de informações a serem usadas. Serve, igualmente, para que perceba melhor os alcances e limites dos seus resultados.

Vassalo de Lopes (2001), por exemplo, crê na autonomização contemporânea do campo da comunicação – estudos comunicacionais – e a vincula às autonomizações da cultura de massas e dos meios de comunicação (p. 14). Prefere designar este campo como “Comunicação Social ou Comunicação de Massa”. Entende, no “estudo dos fenômenos da comunicação dentro da cultura industrializada”, a existência dos objetos de pesquisa do mesmo campo. Destaca a importância, no contexto dos países como o nosso, dos estudos da cultura popular e da comunicação de massa. Em síntese, a epistemologia que defende assenta-se na idéia de que a comunicação é fundamentalmente um problema do campo da cultura, e que esta é hoje um fenômeno industrial, de mercado, essencial ao mundo presente. Na mesma senda, elege a “cultura de massas” como o “lugar privilegiado” de seus interesses de pesquisa.

Sob o ponto de vista hermenêutico crítico positivo (agir racional) e negativo (agir irracional), as escolhas de Vassalo de Lopes conduzem a pesquisas que irão tentar desnudar os aspectos comunicacionais das relações sociais e políticas estabelecidas no plano da cultura. A opção da autora é clara, ela deseja estudar o real simbólico e suas imbricações com o real material. Compreende a ambos como fulcros do processo comunicacional, e isto significa entender a importância da comunicação midiática na estruturação social contemporânea.



A contextualização histórica e ideológica que a mesma autora faz de suas proposições e as sobre o desenvolvimento nacional e internacional do campo da comunicação se autovalidam. Trata-se de pressupostos de metodologias de pesquisa rigorosas, centradas em seu tempo e preocupadas em valorizar, fortemente influenciadas por Martin-Barbero, a recepção, isto é, pesquisar a reação da audiência aos atos comunicacionais, de um ponto de vista ativo.

A existência do livro citado de Vassalo de Lopes consiste em indicativo promissor do desenvolvimento do campo dos estudos comunicacionais entre nós e informa sobre a possibilidade de se implementarem estudos em bases epistemológicas, sem deixar nada a dever aos outros campos das ciências sociais.

É preciso pontuar que as bases epistemológicas de um campo são sempre provisórias e deve existir a abertura para o exame do contraditório e da possibilidade de ampliações conceituais. A fonte para isto está na própria pesquisa que, quando interpretada, indica seus próprios limites e problemas de concepção. Nestes termos, não se acredita na existência de uma palavra final. Novas rupturas poderão surgir, expressando conquistas do saber, quando este for além da retórica e fruto de sua aplicação.

À guisa de conclusões provisórias

Acredita-se que o pesquisador, armado pela hermenêutica crítica, abandone uma postura de falsa superioridade e certezas absolutas, mesmo que não claramente assumidas. O ceticismo frente ao estabelecido é prerrogativa formadora do novo Prometeu que abandona sua função semidivina e compartilha com os demais mortais suas alegrias, angústias e aflições.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Este pesquisador desconfia, *a priori*, de qualquer proposta redentora e salvacionista e faz restrições de divindade a qualquer autor, inclusive a Habermas. Procura interpretar o seu campo de estudo pelo o que consegue enxergar na materialidade e no simbólico, reconhecendo os seus limites e os das ferramentas de que se utiliza. Usa da racionalidade, sem acreditar na sua assepsia. Busca a compreensão da irracionalidade, como uma das expressões humanas – representações – do entorno material e simbólico.

O novo Prometeu, que também pode ser uma mulher e por isto devemos torcer, não quer mais entregar sozinho o fogo do saber aos homens e ser severamente punido por isto; quer, agora, que a descoberta e o uso do saber sejam compartilháveis e utilizáveis por quem assim o quiser, mesmo que para isto também seja punido. Deseja combinar o universal ao particular, reconhecendo diferenças e combatendo os preconceitos.

Os estudos no campo da comunicação enfrentam uma dificuldade adicional. Sofrem a forte pressão do senso comum que baliza os atos comunicacionais contemporâneos. No mundo presente, as mídias veiculam as crenças sociais, vistas, principalmente, a partir do viés do senso comum, quando não, da tradição.

Estudar processos comunicacionais significa tocar em certezas socialmente compartilhadas, transformadas em ‘verdades’ inquestionáveis, mesmo no mundo acadêmico, quiçá fora dele. Navegar neste universo de incertezas, que também caracteriza a atualidade política, social, econômica e cultural, não é tarefa fácil. Não conseguem sucesso dos pilotos que se aventurarem por estes mares sem a formação necessária. Por isso, a capacitação destes pesquisadores deve incluir a autoreflexão e a autointerpretação. É fundamental a rejeição ao logocentrismo, à idéia de que o que pensamos e pesquisamos não pode ser interpretado também a partir dos nossos próprios limites. Para tal, a hermenêutica crítica é uma boa âncora de abordagem.



Referências e indicações bibliográficas

- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1985. 254 pp. A edição em alemão é de 1969.
- BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa : Edições 70, s/data. A edição francesa é de 1971.
- BARBERO, Jesus Martin. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BOURDIEU, Pierre et alii. *El oficio de sociólogo*. 15 ed. Madrid : Siglo XXI, 1993. Existe a edição da Vozes, em português.
- BLEICHER, Joseph. *Contemporary hermeneutics: hermeneutics as method, philosophy and critique*. Londres : Routledge, 1990. 288 pp.
- BRETON, P. et PROULX, S.. *L'explosion de la communication*. Paris/Montréal: La Découverte/Boréal, 1989.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo : Perspectiva, 1995.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo : Martins Fontes, 1997. 184 pp.
- FEYERABEND, Paul K. *Three dialogues on knowledge*. U.K. : Basil Blackwell, 1991. 167 pp.
- FEYERABEND, Paul K. *Contre la méthode: esquisse d'une théorie anarchiste de la connaissance*. Paris : Éditions du Seuil, 1979. 350 pp. A primeira edição em inglês é de 1975.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis : Vozes, 1997. 731 pp.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad. De Guido de Almeida. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1989. 236 pp. A edição original em alemão é de 1983.
- HABERMAS, Jürgen. *De l'éthique de la discussion*. Paris : CERF, 1992. A edição original em alemão é de 1991. 202 pp.
- HABERMAS, Jürgen. *Dialética e Hermenêutica: para a crítica da hermenêutica de Gadamer*. Porto Alegre : L&PM, 1987. 136 pp.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo : Martins Fontes, 2000. 534 pp.
- HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C., FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.) *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis : Vozes, 2001. 277 pp.
- JAPIASSU, Hilton. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1982. 262 pp.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 4 ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1986. 199 pp.
- JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. 2 ed. Rio de Janeiro : Imago, 1981. 225 pp.
- KUHN, Thomas S. *La structure des révolutions scientifiques*. Paris : Flammarion, 1983. 284 pp. La première édition en anglais est de 1962.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- KUHN, Thomas S. *La tension essentielle: tradition et changement dans les sciences*. Traduit de l'anglais par Michel Biezunski et alii. Paris : Gallimard, 1990. 480 pp. La première édition en anglais est de 1977.
- MORIN, Edgar. "Sur la transdisciplinarité". In: *Guerre et Paix entre les sciences*. La revue du MAUSS, n. 10, 2 sem., 1997. Paris : La découverte.
- PRADO, José Luiz Aidar. *Brecha na comunicação: Habermas, o Outro, Lacan*. São Paulo : Hacker/PUCSP, 1996. 280 pp.
- PUTNAM, Hilary. *Représentation et réalité*. Paris : Gallimard, 1988. 226 pp.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa : Edições 70, 1987.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. 4 ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1990. 171 pp.
- RUDIGER, Francisco. *Comunicação e teoria crítica da sociedade: Adorno e a escola de Frankfurt*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. 261 pp.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro : Graal, 1989.
- SILVERMAN, Hugh J (Org.). *Gadamer and hermeneutics*. Londres : Routledge, 1991. 333 pp.
- THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo : Polis, 1982. 270 pp.
- VASSALO DE LOPES, Maria Imacolata, FRAU-MEIGS, Divina, SANTOS, Maria Salett Tauk. (Orgs.). *Comunicação e Informação: identidades e fronteiras*. São Paulo/Recife : Intercom, 2000. 357 pp.
- VASSALO DE LOPES, Maria Immacolata. *Pesquisa em Comunicação*. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*. São Paulo : Martins Fontes, 1996.